

Mais um dia comum: crônicas da pandemia | Késsia Gomes do Nascimento

Dimm! Drimm! 05:00 hrs da manhã, o alarme me desperta, abro os olhos ainda com vontade de ficar na cama, meu corpo se entrega a mais 5 minutos de soneca, assim como o despertador. No entanto, antes mesmo que eu retorne para os meus sonhos, as obrigações me acordam. Levanto juntamente com o cheiro do café que se espalha pela casa, "mais um dia comum"- Pensei.

O ônibus estava lotado, o trânsito abarrotado para chegar ao trabalho, a vasta aglomeração de pessoas nas ruas, a fumaça dos carros e a mesma senhora tagarela que sempre pega o ônibus das 5:45 comigo. Sentada sempre no assento preferencial do ônibus, eu como de costume de pé. Dona Firmina era seu nome, tantos meses pegando o mesmo ônibus, que certa vez ouvi quando ela atendeu o telefone dizendo: --- Alô!! Aqui quem fala é a dona Firmina. Suspirei agradecendo esta conquista, passei 3 semanas tentando descobrir seu nome, "consequências da monotonia do trânsito de mais um dia comum", - considerei.

Desde o dia em que bati os olhos nesta senhora, ela me chamou atenção. Preta, cabelos brancos, cacheados, alta, magra, voz rouca e possuía olhos cansados, como que carregasse muitos problemas, no entanto sua postura sempre estava erguida, cabeça pra frente, corpo alinhado, como quem tinha disposição para desafiar todos os problemas. Dona Firmina como de costume estava ao telefone, tagarelado, conversando sobre a crise econômica e o desemprego e sobre como isto afetou a vida de seu filho, "ele não come mais direito", "não sai mais de casa", vive pra baixo" – Dizia ela ao celular. Reflito sobre como uma situação macro reflete na vida privada das pessoas. Ela desce dois pontos antes do meu, sento em seu lugar, a esta altura o ônibus vai esvaziando, e suspiro "Mais um dia comum".

Chego ao trabalho, os alunos já estão na sala, expectativas à flor da pele, é o início do 1º trimestre, bagunça na aula, gritos, risadas, brincadeiras, quebra na minha monotonia. Ser professora nos exige energia constante. "Falaremos hoje dos verbos transitivos e intransitivos" – disse. Ao fundo da sala ouço "que porre professora". Reflito: "mais um dia comum".

No intervalo, na sala dos professores, ao fundo ouço o noticiário na TV, escuto também o burburinho dos professores sobre um suposto fechamento das escolas,

iniciava-se uma maior preocupação sobre o coronavírus. Não levei em conta, “impossível vivermos uma pandemia mundial”, - acreditei. Errei! A escola foi fechada, aulas interrompidas, alunos dispensados, professores em casa, merendas guardadas, pais e mães desesperados. Iniciou-se a quarentena. Fim dos dias comuns!

Nos primeiros dias de isolamento, sentia uma sensação absoluta de paz de poder estar em casa, longe dos afazeres, tempo para leituras, séries para maratona, sem alarme às 5:00 da manhã. Mas como tudo é efêmero nesta vida, estes momentos se diluíram rápido. Aumento de mortes pelo vírus, notícias excessivas, distanciamento social, fechamento do comércio, abertura do comércio, as visualizações nos stories se tornaram constantes, buscas patéticas na timeline das redes sociais, procrastinação, tento vencê-la, é preciso! Cobro-me ser produtiva, me cobram ser produtiva, é tempo de me resignificar, agora dou aulas online.

Se há algo de monótono nos dias comuns, há também algo de genial neles! Já havia se passado 35 dias em casa, a mente já sucumbia a conseqüências banais, 35!! De traz para a frente 53, 53? “Será a quantidade de dias a mais que ficarei em casa?” – conseqüerei. Meneei a cabeça tentando me desvencilhar desta ideia insuportável. A este ponto da quarentena tento me apegar a qualquer ínfima lembrança que me leve aos meus dias comuns.

Penso em dona Firmina e sobre como está sendo sua quarentena, é idosa e logo está no grupo de risco. Tem ela se protegido? Ou tem saído na rua? Me lembro que seu filho não saía mais de casa, quem tem cuidado dela? Tomara que seu filho consiga o auxílio emergencial neste momento, creio ser um alento no meio do caos. Penso no ônibus lotado e na saudade da aglomeração nas ruas, meu coração aperta, pois até a lembrança do trânsito tem sido reconfortante nesses dias, a monotonia, a rotina, o cheiro do café se espalhando pela casa, o café dos dias comuns tinha um sabor diferente, um cheiro inebriante, era o que despertava meu corpo da cama.

Passam-se 10 minutos e meus pensamentos já me levam para escola, para os meus alunos, para os gritos, risadas, brincadeiras, bagunças, a energia daqueles 20 adolescentes em sala de aula, cada um na particularidade de sua personalidade, aquela sala cheirava a vida, exalava sonhos. Gostaria de ter concluído minha aula sobre verbos e ter-lhes dito que “viver” é um verbo intransitivo, porque viver não precisa de complemento, viver basta-se em si, sem preposições para completá-lo, sem artigos pra lhe atribuir sentido, viver é

intransitivo, viver é intransigente, é implacável. Queria ter-lhes explicado isso! Queria ter-lhes dito que apesar de todo o rigor da vida, é possível aplacá-la, que amar é transitivo e carece de complemento e por isso precisamos uns dos outros. Queria ter sido uma professora melhor e ter enxergado poesia onde achei que só havia denotação.

Agora me pego escrevendo estas linhas sobre a saudade de dias comuns, e após essa vírgula já revoluciono minhas ideias: “Não há dias comuns”. Cada dia é genial, é brilhante, é desesperador, é angustiante, é milagroso, é singular. Hoje me sinto com olhos cansados de Dona Firmina, amanhã talvez esteja pra baixo como seu filho, mas haverá o dia em que estarei com a energia de 20 adolescentes numa sala de aula e com a postura erguida, alinhada, como quem tem disposição para desafiar todos os problemas.